

A EXTREMA DIREITA NO PODER: BOLSONARO E O BOLSONARISMO

Fábio Hoffmann¹

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender a ascensão de Bolsonaro e do bolsonarismo no Brasil sob a lente de um quadro mais amplo de mudanças no cenário político mundial com a crise da democracia, a onda de autocratização, o retrocesso cultural e a chegada das novas mídias. O desenho é analítico de reflexão crítica e o subsídio empírico se vale de dados do Latinobarômetro, Variedades de Democracia (V-Dem), Ministério Público Federal (MPF), e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Os resultados preliminares esclarecem que se deve compreender o fenômeno da chegada ao poder da extrema direita no Brasil a partir de um redirecionamento do xadrez ideológico mundial, com o anti-iluminismo compondo o seu verniz de fundo.

Palavras chave: crise da democracia; retrocesso cultural; Bolsonaro; bolsonarismo; extrema direita.

THE EXTREME RIGHT IN POWER: BOLSONARO AND THE BOLSONARISM

Abstract

The objective of this article is to understand the rise of Bolsonaro and Bolsonarism in Brazil under the lens of a broader picture of changes in the world political scene with the crisis of democracy, the wave of autocratization, cultural retrogression and the arrival of new media. The design is analytical of critical reflection and the empirical subsidy uses data from Latinobarómetro, Variedades de Democracia (V-Dem), Federal Public Ministry (MPF), and Institute of Applied Economic Research (IPEA). The preliminary results clarify that one must understand the phenomenon of the coming to power of the extreme right in Brazil from a redirection of world ideological chess, with the anti-enlightenment composing its veneer in the background.

Keywords: democracy crisis; cultural backsliding; Bolsonaro; bolsonarismo; far right.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Bacharel em Ciência Política pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: molahms@gmail.com.

1. Introdução

Há um movimento crescente de agitação e desconforto com o modo de funcionamento da democracia pelo mundo. Apesar do que dizem Iversen e Soskice (2019), de que a democracia não está em crise, que Estados nacionais não estão enfraquecidos pelo processo da globalização, e que movimentos populistas e o aumento da desigualdade não podem ser vistos como reflexos de tal processo, a realidade sugere algo bem diferente.

Diamond (2015, 2017) vem reconhecendo a existência de uma onda global de recessão democrática, com pelo menos 27 colapsos democráticos ocorridos desde 2000, em casos que vão desde golpes militares até degradações da arquitetura institucional, bem como violações dos direitos civis e políticos. Lührmann e Lindberg (2019) apontam para uma onda de autocratização se espalhando pelo mundo onde, diferentemente do passado quando os golpes liquidavam com as democracias, a norma agora seria miná-las aos poucos, por dentro, promovendo a deterioração tanto de sua arquitetura institucional, quanto da crença necessária para a legitimidade do seu sistema de funcionamento.

Quando se usa um recorte regional para análise, percebe-se que na América Latina vem acontecendo um refluxo menos programático que ideológico ao ciclo da Onda Rosa, movimento que levou ao poder partidos de esquerda em muitos países da região com lideranças como o ex-militar Hugo Chávez, na Venezuela (1998), Luís Inácio Lula da Silva, no Brasil (2002) e Néstor Kirchner (2003), na Argentina. Seguido pela Bolívia de Evo Morales (2006), Rafael Correa do Equador (2007), Fernando Lugo no Paraguai (2008) e Pepe Mujica no Uruguai (2010) (ROCHA, 2015; LEVITSKY; ROBERTS, 2011; SILVA, 2011). A contranarrativa ao esgotamento desse ciclo fez voltar ao poder presidentes de direita como Mauricio Macri, na Argentina (2015–2019), e ascender lideranças e movimentos de extrema direita, como Bolsonaro e o bolsonarismo, no Brasil.

Eleito com 57 milhões de votos contra 43 milhões de seu adversário Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), em um contexto eleitoral de extrema polarização política — em grande medida provocada pela sua estratégia de comunicação — Jair Bolsonaro (Partido Social Liberal – PSL) não pode ser considerado um fenômeno circunstancial e isolado, mas sim como parte de uma mudança no contexto político latino-americano ao mesmo tempo em que está inscrito na movimentação do xadrez ideológico mundial. Essa mudança diz respeito ao crescimento da mensagem anti-iluminista que está promovendo lideranças populistas de extrema direita pela Europa, Estados Unidos e que agora desembarcou no Brasil.

O trabalho que segue está de acordo de que a mudança no xadrez ideológico é uma consequência direta do quadro mais amplo das dificuldades que a democracia vem enfrentando para dar as respostas necessárias a problemas complexos como imigração, baixo crescimento econômico, persistência da desigualdade estrutural, terrorismo, dentre tantos outros. O reflexo de tais consequências vem sendo apresentado pela ascensão de lideranças populistas do espectro ideológico de direita e extrema direita, na qual se valem de um discurso com verniz ideológico de combate aos valores do iluminismo e da globalização, reclamando a volta dos valores “tradicionais”, do nacionalismo, deixando claro caracteres de promoção da guerra cultural.

O objetivo deste artigo consiste em investigar a ascensão de Bolsonaro e o fenômeno do bolsonarismo no recorte descortinado de crise da democracia, ascensão de lideranças autoritárias e o protagonismo das novas mídias. Para esta tarefa, primeiramente

contextualiza-se a crise do modelo liberal de democracia e a onda de autocratização. Em seguida é apontada a tese do retrocesso cultural e o papel das novas mídias como instrumentos potencializadores desse fenômeno. O caso brasileiro é entendido como multidimensional, ou seja, seu surgimento se dá em um cenário de confluência de crises e medo de perda do componente identitário. Por fim, as considerações finais trazem os desafios analíticos da proximidade temporal do objeto.

2. Crise da democracia e a onda de autocratização

O último quarto do século XX foi marcado pelo triunfo da democracia, pois enquanto que nas décadas de 1970 e 1980 apenas 26% da população mundial viviam sob governos em regimes democráticos, ao final do século XX e início do século XXI essa realidade passou a representar 62% do total (DAHL, 2016). Ao todo foram 91 transições em 79 países independentes para a democracia entre os períodos de 1974 a 2012 (MAINWARING; BIZZARRO, 2019). Foi uma verdadeira “onda de democratização” sem precedentes (HUNTINGTON, 1994; MARKOFF, 1996). O impacto mais considerável dessa transformação se deu em países da América Latina, com o fim de muitas ditaduras militares, e no Leste Europeu, com a desintegração do bloco soviético.

Porém, nem todos os países que fizeram a transição para a democracia conseguiram consolidar seus regimes. Em muitos casos, a democracia ficou estagnada no que Carothers (2002) denominou de “zona cinzenta”, um espaço de subdesenvolvimento institucional onde tais regimes apenas se mantêm sob uma fachada eleitoral, que acaba escondendo uma silenciosa contenção da competição política, violações nas liberdades civis e políticas, constrangimentos e controles constantes da imprensa, fragilidade do Estado de direito, dentre tantos outros problemas.

Se o final do século XX descortinou um cenário de esperança e até euforia com a expansão da democracia liberal², a realidade trazida pelas duas primeiras décadas do século XXI é de atenção e preocupação. A crise atual da democracia apresenta pelo menos duas dimensões: a primeira de caráter institucional, enquanto que a segunda diz respeito ao apoio de massas e da crença no funcionamento do regime. As duas dimensões são importantes para um bom funcionamento do sistema político, pois tão importante quanto o fato de que um país deva possuir eleições regulares, com ampla competição e sufrágio universal, não menos o é a fé de que tais regras e instituições sejam os melhores meios para a formação de governos que comandarão o futuro das pessoas.

Diamond (2017) vem analisando a dimensão institucional e contabiliza pelo menos 27 colapsos democráticos ocorridos desde 2000. Os casos vão desde golpes militares até degradações da arquitetura institucional, como violações dos direitos civis e políticos. Os exemplos apontados são a Rússia de Vladimir Putin, a Venezuela de Hugo Chávez e agora Nicolás Maduro, a Turquia de Recep Erdogan e as Filipinas de Rodrigo Duterte, podendo-se somar a esse rol a Nicarágua de Daniel Ortega e agora o Brasil de Jair Bolsonaro. Todos governantes que chegaram ao poder por caminhos democráticos, mas que uma vez em seus postos de comando, trabalharam e trabalham com grande esforço para concentrar poder

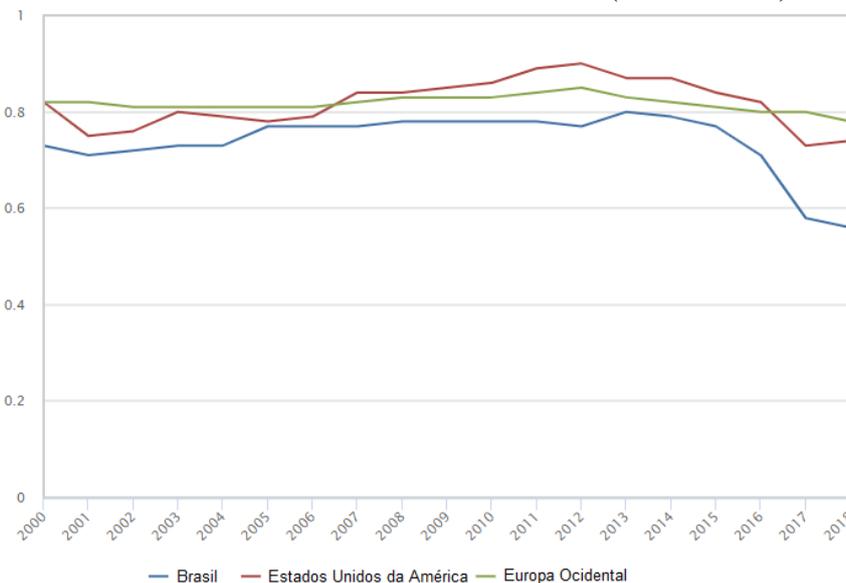
² Ver por exemplo, Francis Fukuyama em “O fim da democracia e o último homem” (Rio de Janeiro, Rocco, 1992) e Jean Marie Guéhenno em “O fim da democracia” (Rio de Janeiro: Bertrand, 1994).

peçoal em detrimento da garantia ao Estado de direito, principalmente através de instrumentos como cooptação, desmoralização do sistema político ou simples sufocamento dos espaços de competição política e eliminação de mecanismos de checagens e contrabalanços.

Todavia, paralelamente à deterioração da arquitetura democrática por lideranças autocráticas, tem ocorrido também uma piora na percepção dos cidadãos comuns em relação ao regime democrático. Tem aumentado a insatisfação com o funcionamento da democracia em muitos países, levando a caracterizações de “democracias insatisfeitas” (PHARR; PUTNAM; DALTON, 2000). A queda da confiança em instituições que formam o cerne do modelo de democracia liberal como partidos políticos e parlamentos tem se aprofundado (NORRIS, 1999, 2011; WIKE; FETTEROLF, 2018). E até mesmo um processo inicial de queda na adesão aos valores da democracia entre a coorte mais jovens tem aparecido em pesquisas (FOA; MOUNK, 2016, 2017).

Se a preocupação em alguns estudos está relacionada à questão da deterioração da arquitetura institucional democrática, em outros eles focam na crise dos valores, nas insatisfações com o funcionamento democrático e na crença ao sistema político. As duas dimensões têm implicações importantes para a compreensão da crise atual da democracia e ascensão de lideranças autoritárias. O gráfico 1, com dados do Variedades de Democracia (V-Dem) traz o índice de democracia liberal comparando Europa Ocidental, Estados Unidos da América e Brasil.

Gráfico 1 - Índice de democracia liberal³ (2000 – 2018)



Fonte: Variedades de Democracia (2000 – 2018).

³ O índice de democracia liberal leva em conta até que ponto as liberdades individuais são respeitadas, se as liberdades civis e políticas são protegidas constitucionalmente, se há predominância do império da lei (rule of law), se há mecanismos de freios e contrapesos no sistema político e se as cortes judiciais e constitucional são independentes.

Para o gráfico 1, quanto mais próximo de 1 melhor posicionado o país ou região está na escala e, ao contrário, quanto mais as linhas se inclinarem em direção ao 0 pior é a situação em relação ao indicador analisado. Enquanto Europa Ocidental e Estados Unidos da América vêm sofrendo uma queda constante desde 2012 no índice de democracia liberal, no Brasil esse declínio começa em 2013. A piora verificada no índice de democracia liberal, portanto, não diz respeito a rupturas bruscas, mas sim a retrocessos que vêm acontecendo em relação a indicadores de democracia liberal como imprensa livre, independência judicial, observância aos direitos civis, políticos e respeito às minorias religiosas, de gênero e raciais.

A terceira onda de autocratização caracterizada por Lührmann e Lindberg (2019) tem a dinâmica de se mostrar branda — como os autores mesmo gostam de ressaltar, se vive ainda numa era democrática — todavia, por trás desse silencioso movimento há um processo contínuo de retirada do oxigênio do complexo institucional democrático liberal bem como da crença no sistema político até então presente. Esse parece ser o ponto crítico atual: saber onde a degradação vai além da narrativa populista de conflito político.

O fato é que a democracia tem passado por momentos difíceis em todo o mundo, e na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, os problemas que ela vem acumulando são mais agudos e de ordem sócio-histórica. Primeiro porque a formação do Estado e a gênese da sociedade se deram de forma diversa da que ocorreu com os países do hemisfério norte. Segundo e, conseqüentemente, porque no Brasil traços como autoritarismo, personalismo e clientelismo permanecem ainda fortes e determinantes no modo de funcionamento do complexo institucional implantado ao longo do processo de redemocratização na década de 1980.

Os brasileiros, mais do que qualquer concidadão seu latino-americano, mostram-se dispostos a abolir instituições centrais do modelo liberal de democracia, como os partidos políticos e o parlamento (MOISÉS; CARNEIRO, 2008), além de se mostrarem mais dispostos a respostas autoritárias — como uma intervenção militar⁴ — para resolução de crises agudas. Os apelos à um líder com características autoritárias ganhou força nos últimos anos principalmente a partir do surgimento das novas mídias e o efeito polarizador causado por elas.

3. Retrocesso cultural e o papel das novas mídias para a estridência populista

A insegurança existencial econômica e identitária se encontram nas análises de Inglehart e Norris (2017), os quais denominam de *backlash*⁵, ou seja, uma reação ao avanço cultural no curso da mudança nos valores ocorrido nas últimas décadas. Para os autores, os 35 anos de segurança existencial experimentado pelas democracias desenvolvidas trouxeram

⁴ Pesquisa realizada pela Paraná Pesquisas entre os dias 25 e 28 de setembro de 2017 mostrou que mais de um terço dos brasileiros apoiariam uma intervenção militar provisória no Brasil. A pergunta realizada foi a seguinte: o Sr(a) seria a favor ou contra a uma intervenção militar provisória no Brasil?. 51,6% responderam serem contra, 43,1 a favor e 5,3 não souberam ou não opinaram. Endereço: <http://www.paranapesquisas.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Pesquisa-Online-Regime-Militar-Notas-Metodol%C3%B3gicas.pdf>.

⁵ De acordo com a Cambridge Dictionary, o *backlash* pode ser definido como um forte sentimento entre um grupo de pessoas em reação a uma mudança ou a eventos recentes acontecidos na sociedade e na política. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/backlash>. Acesso em 20 de abr. de 2021.

ganhos excepcionais promovendo a mudança nos valores, algo que agora começa a sofrer um refluxo. Verificando detalhadamente a razão do aumento no apoio às lideranças com características autoritárias e populistas, e por que isso é maior agora que no passado, Inglehart e Norris (op. cit.) observaram que os ganhos econômicos ocorridos durante os 35 anos chegaram apenas aos do topo, ou seja, os mais ricos, enquanto que a maior parcela da população experimentou uma queda real da renda e um aumento do desemprego.

No argumento dos autores, a novidade não está na reação à mudança nos valores, mas no seu crescente protagonismo nos últimos anos. E fatores como renda e desemprego seriam preditores fracos do apoio às lideranças autoritárias e populistas, quando comparados à ansiedade que as mudanças culturais provocaram, erodindo normas sociais e identitárias existentes: “a renda tornou-se um indicador muito mais fraco das preferências do público do que questões culturais⁶” (INGLEHART; NORRIS, 2017, p. 448).

De acordo com Norris e Inglehart (2018), o populismo autoritário oriundo dessa reação à mudança nos valores age corroendo a fé nos princípios e práticas da democracia liberal através de um discurso antissistema e posicionamentos extremados nacionalistas, xenofóbicos, de intolerância e tribais. Seu crescimento e sucesso se devem a (1) um aumento na demanda da opinião pública por discursos dessa natureza, (2) estratégias partidárias se adaptam ao contexto de demandas tendo em vista os ganhos em curto prazo, e (3) aos arranjos institucionais que permitem o sucesso de tais estratégias pelas regras do jogo. A democracia tem revelado possuir configurações que permitem a proliferação dos germes que potencialmente podem vir a destruí-la. E os canais pelos quais a onda autoritária vem ganhando vazão são as novas mídias.

Deibert (2020), nos alerta que há pelo menos quatro “verdades desconfortáveis” em relação às mídias sociais e sua interação com a política: a primeira delas é a de que o formato de negócio que as envolvem é construído em torno da vigilância constante de dados pessoais; a segunda é que as pessoas consentem com esse modelo; a terceira, é a de que os algoritmos envolvidos nesse processo impulsionam práticas autoritárias, promovendo à confusão, a precariedade, a ignorância, o preconceito, o caos, dentre outros fatores; e a quarta é que esse ecossistema de comunicação digital está provocando sérios danos ambientais. Esse capitalismo de vigilância dos dados para o direcionamento de marketing individualizado como forma de lucratividade tem se mostrado perigoso, pois podem ajudar a promover o impulsionamento de lideranças e movimentos com caráter populista, autoritário e xenofobo. Um exemplo claro deste perigo é o caso envolvendo a compra de dados por parte da Cambridge Analytica⁷ para ações nas campanhas a presidência dos Estados Unidos e na campanha do Brexit.

Como tem ocorrido em todas as democracias, no Brasil, as mídias sociais assumiram um protagonismo cada vez maior no cenário político. Na campanha à presidência em 2018, uma forte onda de notícias falsas foram propagadas pelas mídias sociais, principalmente por

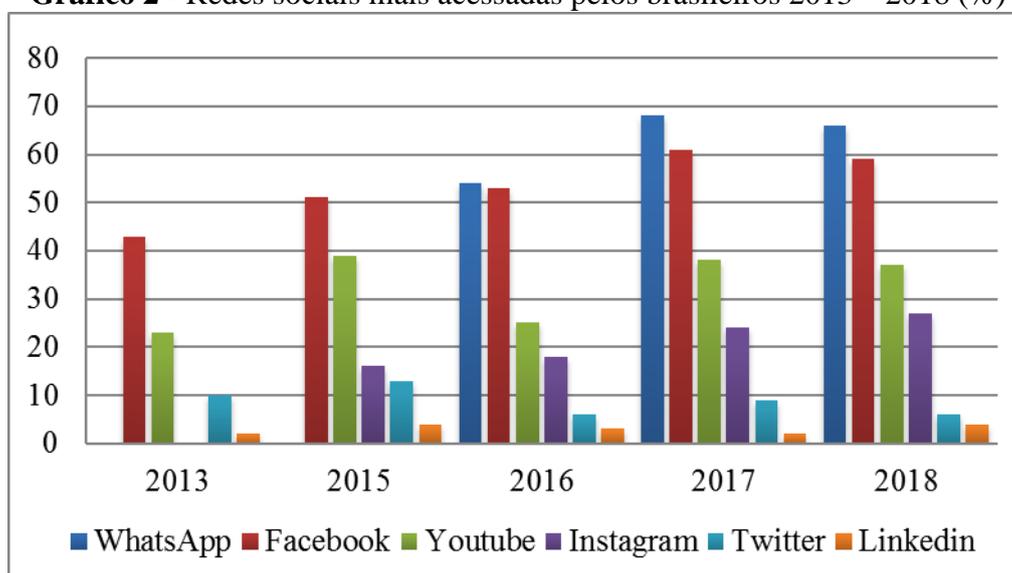
⁶ Na citação original: “Income became a much weaker indicator of the public’s political preferences than cultural issues”. Tradução livre do autor.

⁷ Em 2018 estourou o escândalo de que a empresa Cambridge Analytica havia comprado os dados de mais de 50 milhões de usuários da plataforma Facebook supostamente para fins acadêmicos. Pelo menos 87 milhões de pessoas tiveram seus dados violados em 10 países. No Brasil mais de 400 mil usuários tiveram seus dados pessoais usados sem consentimento. O presidente da companhia Mark Zuckerberg foi convocado a prestar esclarecimentos no Congresso norte americano em 2018.

uma das mais populares delas, o WhatsApp⁸. Esta ferramenta tem sido a mais utilizada por grupos bolsonaristas e por simpatizantes e partidários da narrativa populista, estando umbilicalmente ligada à eleição de Jair Bolsonaro do PSL, e a manutenção da natureza de conflito político expresso pela polarização social crescente via discurso do combate aos “inimigos”.

E como estão os acessos dos brasileiros à internet e às redes sociais? Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁹ de 2017 mostrou que 69,9% da população com idade acima de 10 anos possuem acesso à internet. O celular desponta como o aparelho pelo qual as pessoas mais navegam 97%, seguido de computadores 56,6%, televisores 16,3% e tablets 14,3%. O gráfico 2 com dados de séries temporais do Latinobarômetro de 2013 a 2017 mostra a evolução do acesso às redes sociais entre os brasileiros.

Gráfico 2 - Redes sociais mais acessadas pelos brasileiros 2013 – 2018 (%)



Fonte: Latinobarômetro (2013, 2015, 2016, 2017 e 2018).

O uso do Facebook cresceu de 43% em 2013 para 51% em 2015, depois subiu novamente para 53% em 2016, alcançando 61% em 2017, oscilando depois para 59% em 2018. Entre 2013 e 2015, o Facebook manteve entre os brasileiros a predominância nas redes sociais. Já o Youtube cresceu de 22% em 2013 para 39% em 2015, declinou para 25% em 2016, e em 2018 oscilou para 37%, após ter obtido o pico em 2017 com 38%. O WhatsApp, que tem sua série medida a partir de 2016 onde apresentou 54%, após sua compra pelo

⁸ Diversos foram os momentos em que esta tática foi usada nas eleições de 2018, entre as quais a informação de que as urnas estavam sendo violadas durante o dia de votação do primeiro turno. Uma crença reforçada pelo então candidato do PSL, Jair Bolsonaro, que ao longo de toda a campanha se atacou e se disse desconfiado da urna eletrônica.

⁹ Pesquisa disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 15 de out. de 2021.

Facebook despontou como uma das redes sociais mais usadas pelos brasileiros, 68% em 2017 e oscilou para 66% em 2018. WhatsApp e Facebook aparecem como as redes sociais mais usadas pelos brasileiros em 2018 (66% e 59%, respectivamente), tendo na sequência o Youtube com 37%, Instagram 27%, Twitter 6% e LinkedIn com 4%.

O caso brasileiro da eleição de Bolsonaro, do bolsonarismo e da ascensão da extrema direita pode ser aplicado, com os devidos cuidados, a esse vácuo de controle institucional do acesso ao poder por lideranças autoritárias pelos próprios instrumentos da democracia que depois trabalham para desprestigiar. No Brasil, o sucesso da comunicação política de Bolsonaro deveu-se, portanto, a sua guerra cultural (identitária e marxismo) em um ambiente interno de profunda desilusão com o sistema político (Lava Jato, impeachment, greve dos caminhoneiros) e com uma classe média descontente e até mesmo raivosa (lembram-se da nova classe “C”?) pelo sentimento de perdas econômicas daquilo que tinha conquistado.

4. Bolsonaro, bolsonarismo e a extrema direita brasileira

Político profissional desde 1988, quando foi eleito Vereador pela cidade do Rio de Janeiro (1989 – 1991) e depois Deputado Federal (1991 – 2019), Jair Bolsonaro foi um político de baixa intensidade durante toda a maior parte sua atividade legislativa, ou seja, baixo protagonismo. Pouco produziu durante esse período¹⁰ que causasse impacto no cenário político nacional, e fora filiado ao “baixo clero¹¹” e assim considerado como tal. Todavia, pelo menos desde 2011 passou a ganhar vitrine com a denúncia de um material anti-homofobia¹² que poderia vir a ser distribuído nas escolas e batizado por ele de “kit gay”.

Bolsonaro “correu por fora” da cobertura dos principais jornais entre os anos de 2011 e 2016. Suas aparições nos meios de comunicação tradicionais se dá pela presença em programas populares como Casos de Família, Agora é Tarde, Ratinho dentre outros com posicionamentos e declarações polêmicas de homofobia, racial, contrárias ao aborto e de apologia à ditadura e ao estupro (no caso envolvendo a Deputada Maria do Rosário – PT). Todavia, foi com o desenvolvimento do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff em 2016 que Bolsonaro ganhou visibilidade nacional, extravazando seu tradicional nicho eleitoral (colégio eleitoral do Rio de Janeiro). Os dois atos do drama se deram com a homenagem feita ao torturador do período da ditadura Militar (1964 – 1985), Carlos Alberto Brilhante Ustra, e com a cena da cusparada de Jean Wyllys do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

A estratégia de comunicação de Bolsonaro foi aos poucos amadurecendo. Entre os casos de sucesso buscado estavam às experiências norte-americanas no uso das novas mídias como o Facebook e Twitter por candidatos como Barack Obama em 2008, Donald Trump em 2016 e a campanha pelo Brexit¹³. Ferramentas de comunicação altamente polarizadoras,

¹⁰ Dois projetos de Lei foram aprovados e apenas uma Emenda apenas durante seus 26 anos como Deputado Federal.

¹¹ Baixo clero é uma expressão que designa políticos sem expressão no Parlamento, com ideias e ideais excessivamente provincianos e/ou extremistas.

¹² O material vinha sendo preparado para o combate a homofobia nas escolas. Matéria da Exame detalha o caso. Disponível em: <https://bit.ly/2Y0FKkb>. Acesso em 20 de nov. de 2021.

¹³ É bom lembrar que a palavra “pós-verdade” foi eleita pelo Dicionário Oxford como palavra do ano em 2016 e muitos fazem alusão às contranarrativas e notícias falsas levadas a cabo pela campanha a favor do Brexit naquele ano.

dividindo em polos antagônicos, dando a sua contranarrativa um eixo central maniqueísta. A narrativa populista, argumenta Cas Mudde (2004), é exercida em um ambiente onde coexistem duas forças antagônicas: o bem x o mal, o mocinho(a) x os vilões, o povo x a elite.

Com a ajuda do seu guru, Olavo de Carvalho, um a um dos inimigos foram ganhando a carapuça. Dentre os primeiros apareceu a globalização (um guarda chuva conceitual muito amplo para designar um processo complexo de integração econômica e cultural), como destruidora dos valores tradicionais da família e nacionais. Outro foi o comunismo, numa façanha que fez renascer o velho fantasma empoeirado. Outro desenlace da narrativa populista apontou a imprensa tradicional como inimiga, na qual estariam atuando como propagadoras de notícias falsas, sendo antipatriotas e que jogam, portanto, contra o país. O quadro abaixo traz algumas categorias por onde têm passado a narrativa do combate populista de Bolsonaro.

Tabela 1 - O populismo de Bolsonaro em categorias binárias

Sagrado	Profano
Cristão / Evangélicos	Não cristãos / Barbárie
Família tradicional	Movimento feminista e LGBT
Nacionalismo	Globalismo
Redes sociais	Mídia tradicional
Propriedade rural	Preservação ambiental
Bandido bom é bandido morto	Direitos humanos
Homem comum	Intelectualismo
Estados Unidos / Israel	O resto do mundo
Anti-PT	PT

Fonte: elaborado pelo autor.

4.1. Breve contexto das eleições de 2018

Em 2017 Bolsonaro já aparecia como um candidato viável e competitivo. Sua penetração entre os jovens (HOFFMANN, 2017) e a compreensão do uso da comunicação agressiva via compartilhamento de polêmicas e notícias falsas, não foram obras do acaso. O exemplo de Trump nos Estados Unidos e a fácil multiplicação de *bots*, além da contínua degradação do ambiente econômico, político e social deram a chave para que entrasse competitivamente nas eleições de 2018.

Para entender a vitória nas urnas de Bolsonaro é preciso partir de sua base evangélica tradicional. O crescimento desse nicho no cenário eleitoral nacional é um dos mais fortes do período pós-redemocratização. Por essa razão não surpreende entender os motivos de seu batismo ocorrido nas águas do rio Jordão e ver Silas Malafaia¹⁴ cobrar e criticar o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (filho do presidente) dizendo que o Capitão (Jair Bolsonaro) contou com seu decisivo apoio. Sem dúvida é o grupo que esteve com Bolsonaro desde o início.

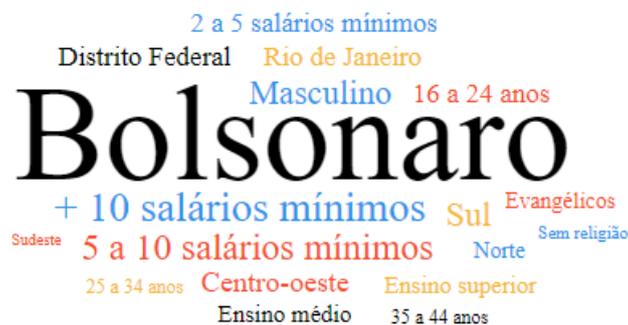
O casamento entre os conservadores e os liberais em torno da candidatura de Bolsonaro só se tornou possível com Geraldo Alckmin (PSDB) patinando e a total indiferença

¹⁴ O episódio aconteceu pela ferramenta de mídia do Twitter. Disponível em: <https://bit.ly/2Gz94qX>. Acesso em 20 de abr. 2021.

quanto à candidatura de Henrique Meireles (MDB) e o desconhecido João Amoêdo (NOVO). Houve certo momento em que o setor empresarial teve que tomar a decisão de apostar no candidato do PSL. Sim, foi uma aposta de alto risco, mas diante da conjuntura eleitoral favorável a Bolsonaro — principalmente após o atentado¹⁵ — não queriam a volta do PT ao governo, e o único que se mostrou capaz de evitar tal desfecho foi Bolsonaro. Ao longo do segundo turno, movimentos de direita como o Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre já tinham claro qual seria seu candidato.

Como a história mostra, Bolsonaro se elegeu em segundo turno com uma boa vantagem (mais de 10% de votos válidos) sobre o seu adversário, o petista Fernando Haddad, em um ambiente político nacional extremamente polarizado. A narrativa do conflito maniqueísta tinha dado certo. O PT era o mal, e o comunismo estava batendo a porta da nação. *Kits Gays* estavam sendo distribuídos e “mamadeiras de pirocas” se tornariam utensílios comuns nas creches Brasil afora caso Haddad se elegeisse. O PT tinha inventado a corrupção no Brasil e bastava aniquilá-lo junto com a “velha política” que estaria tudo certo. As eleições de 2018 para a presidência do Brasil foi tudo isso e muito mais. Uma pesquisa do DataFolha¹⁶ reforçou que a rejeição ao PT e o desejo de mudança alavancaram a candidatura de Bolsonaro. Alavancaram, no entanto, houve outros fatores que confluíram para o sucesso da narrativa populista.

Gráfico 3 - Perfil do eleitor de Bolsonaro¹⁷



Fonte: DataFolha e Nexo (2018).

O perfil do eleitor de Bolsonaro em 2018 pode ser resumido pelo gráfico 3 acima ilustrado: alta renda, homens brancos, morador do Rio de Janeiro, Sudeste, Centro Oeste e Sul, evangélico, com ensino superior (embora possua presença forte nas pessoas com ensino médio), jovens de 16 a 24 anos. O perfil bolsonarista também é muito próximo disso, todavia, é preciso haver o descolamento do período eleitoral, mas ainda continua sendo homens brancos, alta renda, diploma superior e evangélico.

¹⁵ Bolsonaro sofreu um atentado no dia 06 de setembro de 2018 cometido por Adélio Bispo de Oliveira, um ex-militante do PSOL. Investigações e resultados periciais mostraram que Adélio possui distúrbio mental.

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/2L7MueA>. Acesso em: 21 de nov. de 2021.

¹⁷ A pesquisa é do DataFolha e para a construção desse gráfico foi considerada somente as principais categorias de apoio a candidatura de Jair Bolsonaro no primeiro turno em um cenário sem Lula. Pesquisa disponível em: <https://bit.ly/2MSbAO6>. Acesso em 21 de nov. de 2021.

4.2. Elementos que contribuíram para o sucesso da narrativa populista

Fenômenos complexos, alertava Weber (2006), devem ser investigados com um enfoque pluricausal. Durante o decorrer do período eleitoral de 2018 os analistas políticos e jornalistas tergiversavam sobre a ascensão de Bolsonaro ao pico das pesquisas eleitorais. Algumas análises o remetiam como consequência direta da crise da economia, solapada pela queda vertiginosa do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e escalada do desemprego, enquanto que outras argumentavam que ela estava vinculada intimamente à crise política que se seguiu ao avanço das operações da Lava Jato¹⁸, o impeachment de Dilma Rousseff e da greve dos caminhoneiros. Todavia, além do enfoque econômico e político, é preciso igualmente observar seu caráter social e simbólico.

4.2.1. Crise econômica

Como lembram Pinheiro-Machado e Scalco (2018), o Brasil não só não foi atingido diretamente pela crise mundial de 2008, desencadeada no setor imobiliário dos Estados Unidos e que rapidamente se espalhou para o resto do mundo, mas também teve naquele ano um crescimento econômico muito alto. Havia euforia com a chegada da “nova classe C”, incorporação de trabalhos informais como o das domésticas na formalidade e abertura das portas das universidades a setores sociais mais amplos, até então marginalizados. Esse cenário fez com que em 2010, Lula do Partido dos Trabalhadores (PT), não encontrasse dificuldade de fazer sua sucessora Dilma Rousseff ao Palácio do Planalto nas eleições daquele ano.

Desde 2010, todavia, o cenário econômico brasileiro começa a mudar rapidamente para a pior. Se em 2008 a taxa de crescimento do PIB era de 7,5% em 2012 ela já era de apenas 2%. Numa sociedade capitalista, onde a produção e o consumo gerencia a vida diária das pessoas, a estagnação dos salários e o desemprego em massa são combustíveis para apelo a discursos mais radicais, ou seja, de raiz populista. O que se busca é tanger as demandas e esperanças de um futuro melhor, localizar o inimigo responsável pela tragédia e acusá-lo. Quando a dimensão existencial é ameaçada, seja ela a do conforto de um padrão de vida, seja ela meramente a falta de uma perspectiva de futuro, as pessoas tendem a se fecharem em defesa de seus empregos e costumes originários. Foi exatamente o que ocorreu com a “nova Classe C”, que de uma hora para outra viu-se esfacelada. O gráfico 4, com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)¹⁹, traz a evolução do PIB brasileiro para o período 2010 – 2018.

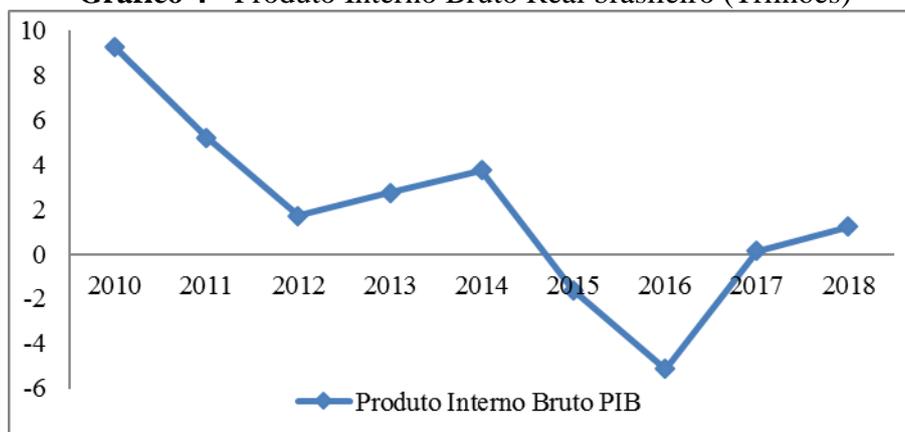
O gráfico 4 revela a queda constante sofrida desde 2010, onde a taxa de crescimento girava em torno de 9% a 8%, passando para um encolhimento entre - 2% - 5 % nos anos de 2015 e 2016. A envergadura desta crise pode ser sentida pela queda das exportações, aumento do desemprego que entre 2015 e 2017 saltou de 6,5% para mais de 13%, aumento da informalidade, resultados de uma política econômica de intervenção que se mostrou

¹⁸ A Lava Jato é um complexo de investigações de desvios de recursos públicos, que se iniciou em 2014, e que têm implicado em condenações de importantes figuras públicas sobre os crimes de lavagem de dinheiro, corrupção passiva e ativa, operações fraudulentas de câmbio, apropriação indevida, formação de quadrilha, obstrução de justiça dentre outros.

¹⁹ Somente computados dados relativos ao primeiro trimestre de cada ano.

fracassada. Todavia, a crise econômica se somava ao agravamento das denúncias de corrupção trazidas pela Lava Jato.

Gráfico 4 - Produto Interno Bruto Real brasileiro (Trilhões)



Fonte: IPEA-Data (2010 – 2018).

4.2.2. Crise política

As explicações políticas para o sucesso de Bolsonaro e o avanço do bolsonarismo são tão variadas quanto complexas, mas convergem todas para o profundo desgaste da classe política através do avanço das operações da Lava Jato. A tabela 2 destaca alguns números das operações da Lava Jato do Paraná, mas dentre os quais, pode-se destacar como as ações mais simbólicas, a prisão do doleiro Alberto Youssef na primeira fase, Nestor Cerveró na oitava fase, João Vaccari Neto (PT) na décima segunda fase, Otávio Azevedo e Marcelo Odebrecht, presidentes das empresas Andrade Gutierrez e Odebrecht, presos preventivamente na décima quarta fase, e a condução coercitiva do ex-presidente Lula na vigésima quarta fase. Guido Mantega (PT), Antonio Palocci (PT) e Sérgio Cabral (PMDB) foram alvos das operações 34^a, 35^a e 37^a, respectivamente.

Tabela 2 - Dados da Lava Jato

Procedimentos instaurados	2.476
Denúncias apresentadas	242
Número de denunciados	1.162
Mandados de busca e apreensões	1.910
Mandados de conduções coercitivas	246
Mandados de prisões preventivas	349
Acusações criminais	90
Condenações: 1 ^a e 2 ^a instâncias	219
Acusações de improbidade administrativa:	
Pessoas físicas	63
Empresas	18
Partidos políticos	3

Acordos de colaboração premiada	256
Acordos de leniência	22
Total de operações	123

Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/resultados>. Acesso em 21-01-2021.
Os dados envolvem as primeiras instâncias, segundas instâncias e instâncias superiores.

As operações da Lava Jato tiveram um impacto profundo sobre a crença do brasileiro na política. As denúncias envolviam esquemas de lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito, corrupção ativa e passiva, formação de organização criminosa, obstrução de justiça, formação de quadrilha, tudo isso envolvendo o establishment político. Os principais partidos implicados estavam o Partido dos Trabalhadores (PT) e o então Partido do Movimento Trabalhista Brasileiro (PMDB), mas diversos outros partidos e empresas participavam do complexo de corrupção. O abalo trazido pelo agravamento de denúncias das operações da Lava Jato generalizou a descrença do brasileiro em relação à política e aos políticos, tidos como pertencentes ao sistema político tradicional, ou seja, a velha política. Todavia, outros componentes merecem relevo quando se analisa o fenômeno do Bolsonarismo e o protagonismo de Bolsonaro.

4.2.3. Bolsonarismo, choques identitários e a guerra cultural

Está cada vez mais evidente que sem um desenvolvimento programático claro a base de sustentação para o bolsonarismo desemboca na guerra cultural promovida em cima da desarticulação da questão identitária na contemporaneidade. Em outras palavras, é a produção e reprodução de um discurso de conflito político populista lastreado na tentativa derradeira de rearranjo e reafirmação de um universo expresso enquanto ideia e ideal de mundo que tem sido, pelo menos até aqui, essencialmente masculino (HOFFMANN, 2018).

A evolução do homem em sociedade é o de um contínuo esforço para dar ordem aos símbolos que dão sustentação à sua existência, de onde veio e para onde vai. Como argumentou Geertz (1978), o homem é um animal preso a uma teia de significados que ele próprio construiu para si. A luta para colocar ordem à constelação simbólica que garante o conforto existencial compete apenas aos seres humanos. Aos símbolos de sustentação da dominação, aos homens. Quando esta constelação de símbolos começa a dispersar o problema aparece. Os símbolos que dão o alicerce à família tradicional de papéis bem definidos, a questão de gênero, a questão racial, todas elas envolvem e se avolumam numa constelação regida pela ordem do universo masculino.

Jair Bolsonaro e seus filhos representam, simbolizam e subjetivam exatamente isso, homens brancos, com uma ideologia conservadora nos costumes, defensores da família tradicional, no qual o papel da mulher não pode encontrar outra vazão que não a da reprocriação e dentro do possível, um trabalho sem protagonismo, rechaçando o avanço da questão de gênero.

Em sua expressão psicossocial, portanto, o bolsonarismo reflete uma tentativa de reafirmação do universo da identidade masculina e valores tradicionais como a família dentro dos papéis pré-estabelecidos, e um combate quanto aos avanços legais na área dos direitos às minorias (LGBTQIA+, e em questões como cotas para negros, índios e pobres). A turma que adere, conscientemente ou não, ao bolsonarismo, é levada também por questões subjetivas como esta. Há um desconforto quanto ao avanço nos direitos destas minorias, e as respostas

vêm com uma declaração de guerra cultural ao intelectualismo que dá sustentação a tais avanços.

Não se pode chegar a uma compreensão mais ampla do sucesso de Bolsonaro e da sustentação do bolsonarismo sem levar em consideração a dimensão social e simbólica. Ao afastar a lupa do caso brasileiro por um momento, percebe-se que movimentos similares têm acontecido na Polônia com o Partido Lei e Justiça (PiS), na Hungria de Viktor Orbán, no crescimento do protagonismo Thierry Baudet, na Holanda, e no recente avanço do Vox, na Espanha. Embora cada caso nacional possua suas peculiaridades, o movimento de fundo converge para uma difusão das críticas aos valores do iluminismo, da globalização, e dos avanços trazidos pelo desenvolvimento humano nas questões raciais e sexuais, portanto identitárias.

5. Considerações Finais

O sucesso da ascensão de lideranças de perfil autoritário em muitas democracias na contemporaneidade se deve ao apelo social aos discursos de natureza populista. A crise do modelo liberal de democracia, da representação política está sendo agravada pelo protagonismo das novas mídias sociais digitais, pelo seu efeito polarizador e pulverizador do consenso, tão caro para oxigenar o debate deliberativo, tão salutar numa democracia. A incapacidade de resolver problemas complexos também agrava a crise desse regime e tem promovido o populismo de extrema direita, com apelos ao nacionalismo, propagação do xenofobismo, profanação dos direitos humanos, do globalismo e de todos os valores trazidos pelos ideais iluministas.

Bolsonaro não é um caso isolado de populismo autoritário de extrema direita e o desenvolvimento do bolsonarismo como sua mola propulsora chancela que a estratégia de comunicação polarizadora de conflito maniqueísta tem dado resultado. Até aqui não há nada que simbolize melhor sob o verniz estratégico da guerra cultural do início de governo do presidente Jair Bolsonaro do que a expressão banalizada do “Golden Shower”.

Como lembra Cas Mudde, o populismo é moralista e não programático. A estratégia praticada por Bolsonaro revela que seu governo aposta na comunicação polêmica via redes sociais, procurando manter um nível alto de conflito político em um ambiente de extrema polarização. Toda vez que as críticas se voltam para o conteúdo da agenda de seu governo, Bolsonaro parte para guerra cultural, ou seja, recorre a declarações polêmicas, moralistas. Declarações sobre o “golden shower”, Battisti, comemorações sobre o golpe militar, imigrantes (“imigrantes não tem boas intenções”), ditadores (Stroessner, Pinochet), são também cortina de fumaça e conteúdo para alimentar sua base de apoiadores.

Apesar de ter cedido enorme poder aos partidos políticos que compõem o chamado “Centrão”, nada leva a crer que a natureza da comunicação da extrema direita no Brasil mude. A aposta na polarização social, mesmo em tempos de pandemia, revela que esse movimento deverá também ser astuciado durante o pleito de 2022. Líderes autoritários pelo mundo ganharam espaço nos últimos anos dividindo a sociedade, mas recentemente sofreram baixas, tanto com a derrota de Donald Trump em novembro de 2020, como também com as eleições recentes ao Parlamento Europeu. Pode ser que ventos de mudança também cheguem até o Brasil, e traga com eles uma cartada democrática sobre o autoritarismo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CAROTHERS, Thomas. The end of the transition paradigm. *Journal of Democracy*, v. 13, n. 1, p. 5-21, jan., 2002.
- CARR, Nicholas. How social media is ruining politics. 2015. *Politico*. Disponível em: <https://www.politico.com/magazine/story/2015/09/2016-election-social-media-ruining-politics-213104?paginate=false>. Acesso em: 23/04/2021.
- DAHL, Robert A. *Sobre a democracia*. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- DEIBERT, Ronald J. *Reset: reclaiming the internet for civil society*. Toronto: House of Anansi Press, 2020.
- DIAMOND, Larry. Facing up to the democratic recession. *Journal of Democracy*, v. 26, n. 1, p. 141-155, jan., 2015.
- _____. *Para entender a democracia*. Curitiba: Instituto Atuação, 2017.
- FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yasha. The danger of deconsolidation: the democratic disconnect. *Journal of Democracy*, vol. 27, n. 3, p. 5-17, july, 2016.
- _____. The signs of deconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 1, p. 5-15, jan., 2017.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HOFFMANN, F. Bolsonaro é hoje uma realidade. *Zero Hora*, Porto Alegre, v. 18.911, 18 de out., 2017.
- _____. Para entender o Bolsonarismo. *Zero Hora*, Porto Alegre, v. 19.915, 10 de out., 2018.
- HUNTINGTON, Samuel P.. *A Terceira Onda: A Democratização no Final do Século XX*. São Paulo: Ática, 1994.
- INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. Trump and the populist authoritarian parties: the silent revolution in reverse. *Perspectives on Politics*, v. 15, n. 2, p. 443 - 454, jun., 2017.
- IVERSEN, Torben; SOSKICE, David. *Democracy and prosperity: reinventing capitalism through a turbulent century*. New Jersey: Princeton University Press, 2019.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVITSKI, Steven; ROBERTS, Kenneth M. *The resurgence of the Latin American Left*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.

LÜHRMANN, Anna; LINDBERG, Staffann. A third wave of autocratization is here: what is new about it?. *Democratization*, DOI: 10.1080 / 13510347.2019.1582029, 2019.

MAINWARING, Scott; BIZZARRO, Fernando. The fates of third-wave democracies. *Journal of Democracy*, v. 30, n.1, p. 99-113, jan., 2019.

MARKOFF, John. *Waves of democracy: social movements and political change*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1996.

MOISÉS, José Álvaro; CARNEIRO Gabriela. Piquet. Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime: o caso do Brasil. *Opinião Pública*, v. 14, n. 1, p. 1-42, jun. 2008.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist. *Government and opposition*, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.

NORRIS, Pippa. The Growth of critical citizens?. In: Norris, P. (ed.). *Critical citizens: global support for democratic governance*. New York: Oxford University Press, 1999.

_____. *Democratic deficit: critical citizens revisited*. Spring: Cambridge University, 2011.

_____; INGLEHART, Ronald. *The cultural backlash: Trump, Brexit e and the rise of authoritarianism populism*. New York: Cambridge University Press, 2018.

PHARR, Susan J.; Putnam, Robert D.; DALTON, Russell J. A quarter-century of declining confidence. *Journal of Democracy*, v. 11, n. 2, p. 5-25, 2000.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. *Cadernos IHUideias*, v. 16, n. 278, 2018.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: think thanks de direita na América Latina. In: CRUZ, S. C. V.; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs). *Direita, volver!:* o retorno da direita e o ciclo político brasileira. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Fabricio Pereira da. *Vitórias na crise: trajetórias das esquerdas latino-americanas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

Varieties de Democracia. Disponível em: <https://www.v-dem.net/en/analysis/analysis/>. Acesso em: 15 nov. de 2021.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2006.



WIKE, Richard; FETTEROLF, Janell. Liberal democracy's crises of confidence. *Journal of Democracy*, v. 29, n.4, p. 136-150, out., 2018.

Recebido em 21/12/2021
Aprovado em 26/01/2022

